

A LITERATURA RECRIA A VIDA: PRÁTICAS DE VIOLÊNCIA CONTADAS EM O EMBONDEIRO QUE SONHAVA PÁSSAROS

C. C. A. Carvalho¹ e F. F. L. Linhares²

E-mail: carol.alves.c@hotmail.com¹; fred.linhares@ifrn.edu.br²

RESUMO

O conto é um gênero literário tradicional que tem como principais características apresentar uma narrativa mais curta, que condense conflitos, personagens, tempo e espaço, apresentando passagens significativas da primeira à última linha. Alguns autores revivem em seus textos os valores transmitidos pela tradição oral e, por meio do trabalho estético da linguagem, trazem à tona a função social da Literatura. Esse aspecto é perceptível no livro de contos do moçambicano Mia Couto, *Cada homem é uma raça* (1990). Dessa obra, o texto *O embodeiro que sonhava pássaros* constitui-se nosso objeto de estudo do referente artigo. Sendo assim,

busca-se problematizar e compreender elementos e práticas históricas/culturais de violência física e simbólica em espaços de África, notadamente em Moçambique. A análise realizada tem caráter qualitativo e apresenta como respaldos teóricos os conceitos de conto (GOTLIB, 1987), a relação entre literatura e sociedade (CANDIDO, 2010), informações acerca do contexto sócio-histórico (HERNANDES, 2008) e literário que permeiam a produção de Mia Couto. Por fim, os resultados da pesquisa apontam que o conto em análise traz marcas, apontamentos linguístico-discursivos, atravessados por significados que reconstróem a história e a cultura desse povo africano, vítimas de práticas de violência.

PALAVRAS-CHAVE: conto, Moçambique, violência.

LITERATURE RECRIA LIFE: PRACTICES OF VIOLENCE IN COUNTED *THE BAOBAB WHO DREAMED BIRDS*

ABSTRACT

The tale is a traditional literary genre whose main characteristics present a narrative shorter, which condense conflicts, characters, time and space, presenting significant passages from the first line to the last. Some authors in their texts revive the values transmitted by oral tradition, and through the work of aesthetic language, bring to the fore the social function of literature. This aspect is evident in the book of tales Mozambican Mia Couto, *Every man is a race* (1990). In this work, the text *The embodeiro who dreamed birds* constitutes the object of our study related article. Thus, we seek to understand and discuss elements and practices historical /

cultural physical and symbolic spaces of Africa, especially in Mozambique. The analysis is qualitative and features backrests as theoretical concepts tale (GOTLIB, 1987), the relationship between literature and society (CANDIDO, 2010), information about the socio-historical context (HERNANDES, 2008) and literature that permeate production of Mia Couto. Finally, the results of the research show that brings the tale in question marks, notes linguistic-discursive meanings crossed by rebuilding the history and culture of this African people, victims of violence practices.

KEY-WORDS: tale, Mozambique, violence.

1 INTRODUÇÃO

A literatura é um instrumento que permite a interdependência de elementos ideológicos e estilísticos com elementos estruturais e socioeconômicos. Desse modo, as produções literárias não somente refletem o contexto histórico-social, no qual passaram pelo processo de produção e circulação, como também contribuem para a formação de tal realidade. Essa função social, característica da literatura, acontece de formas distintas nos seus variados gêneros, não excetuando o conto.

Essa forma de criação literária está presente no livro *Cada homem é uma raça*, escrito por Mia Couto (1990). A obra reúne vários contos do autor moçambicano, estes apresentam temáticas similares, pois observam o povo de Moçambique sob a perspectiva da cultura popular, levantando diversas questões como o preconceito racial, relações de gênero, exclusão social, miséria, entre outros fatores que marcam a vida difícil dessa população.

Os contos *O apocalipse privado do tio Geguê* e *O embondeiro que sonhava pássaros* conseguem abranger as problemáticas sociais citadas, de forma mais evidente, se configurando como os objetos de estudo do referido projeto. Contudo, neste momento, tem-se como intuito compreender a maneira que o autor trabalha as perspectivas sociais no segundo conto, tomando como princípio o olhar sobre os pontos que refletem elementos e práticas históricas/culturais de violência física e simbólica no contexto de África.

O estudo da literatura africana é de grande importância para o resgate da cultura em África bem como da nossa, isso porque o Brasil devido aos fatores históricos tem em sua formação sociocultural grande influência dos descendentes desse continente. Sendo assim, o estudo dos textos de Mia Couto se faz necessário a partir do momento que eles representam o resgate oralidade de um povo, a voz dos menos favorecidos e logo, a busca por mudanças nas estruturas sociais e no modo como se vê o mundo. A crescente adoção de literatura africana nas escolas é um exemplo de respeito às origens e ao sujeito.

2 REVISÃO BIBLIGRÁFICA

O conto é um gênero literário tradicional que tem como principais características apresentar uma narrativa mais curta, que condense conflitos, personagens, tempo e espaço, apresentando passagens significativas da primeira à última linha. Atualmente, o conto perde espaço no mercado para outros tipos de narrativas como o romance.

Todavia, essa não é uma realidade homogênea, pois o gênero tem recebido um significativo espaço nas produções literárias sul-americanas e africanas em língua portuguesa; neste último, chega a representar uma ruptura e um retorno ao passado. Isso acontece ao passo que os autores revivem em seus textos os valores transmitidos pela tradição oral e, por meio do trabalho estético da linguagem, fazem a função social da literatura acontecer, isto é, moldam-se a nova sociedade que se estabelece complexa, dinâmica e com rápidas mudanças para ser fonte de denúncia de diversos âmbitos sociais.

Cortázar (2008), ao comparar o conto e o romance, afirma que ambos podem ser colocados analogicamente a fotografia e ao cinema. Explica que tanto no cinema quanto no romance, o clímax se constrói a partir da acumulação de elementos parciais durante o desenvolvimento. Em contraposição, o autor afirma que:

[...] o fotógrafo e o contista sentem necessidade de escolher e limitar uma imagem ou acontecimento que sejam *significativos*, que não só valham por si mesmos, mas também sejam capazes de atuar no espectador ou no leitor como uma espécie de *abertura*, de fermento que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento visual ou literário contido na foto ou no conto. (CORTÁZAR, 2008, p. 151)

Desse modo, o ideal para a literatura contista é alcançado quando seus textos conseguem ser tão instigantes ao leitor que ele retorna (reconta) a obra mesmo o texto sendo antigo. Isso significa que é imprescindível ao conto a presença de uma carga de valores populares, elementos míticos, perspectivas da realidade referente à situação na qual foi produzido, além de uma elaboração na estética linguística que permita o conto permear diferentes emoções diante de sua leitura.

Tais pressupostos permitem a percepção dessas qualificações evidentemente presentes como uma forte característica da literatura miacoutiana. Isso não exclui o conto em estudo, que tem como início a significativa frase: “Pássaros, todos que no chão desconhecem morada” (COUTO, 1994, p. 31).

Assim como na fotografia, que tem o seu fermento de abertura garantido na seleção visual de um dado momento, ela se tornou imprescindível para o perfeito desenvolvimento da harmonia de significâncias culturais, políticos e socioeconômicos ao longo do texto. Isso porque este gênero reúne perfeitamente, como na fotografia, os elementos principais que permitiram ao *Embondeiro que sonhava pássaros* um encadeamento de clímax que prendem corpo e alma do leitor desde as primeiras palavras até as últimas.

A matéria prima para a elaboração desse texto é a cultura popular moçambicana, o que permite a ele a elaboração de um ambiente em que coexistem o mundo mítico e o racional, de forma que Jolles (1976) ao discutir sobre essa questão conclui que “numa palavra: pode aplicar-se o universo ao conto e não o conto ao universo”. Isso o caracteriza como conto do realismo mágico.

Essa peculiaridade que marca as produções literárias africanas e americanas é justificada pelo processo histórico de colonização/exploração de seus povos, constituindo uma forma de autoafirmação das culturas das sociedades pré e pós-coloniais envoltas por elementos místicos e mitocsmogónico em contradição com a racionalidade europeia.

A África foi um continente que teve historicamente suas riquezas naturais e sociais explorada por estrangeiros. Isso foi permitido pelo sentimento de superioridade que os europeus tinham sobre os povos africanos, considerando-os “bárbaros” e desprovidos de religião e de civilização justificaram durante séculos os feitos de caráter violento físico e simbólico praticados

contra esses povos em prol do verdadeiro objetivo: apropriar-se de seus recursos para atender aos seus fins capitalistas.

O Império Português possuía leis que asseguravam a submissão do africanos que foram empregadas no regime do ultracolonialismo. A exemplo disso estão o artigo 2º que considerava como missão histórica “possuir e civilizar” os povos “indígenas”; o artigo 20º atribuía ao Estado o dever de obrigar os “autóctones”(nativos da terra) a trabalhar nas obras públicas, logo cabia a ele decisões judiciais, penais ou cumprimento de obrigações fiscais; e o artigo 22º que aludiam aos Estatutos Especiais para os nativos de acordo com seu estágio evolutivo, respeitados os seus costumes desde que estivessem conforme com os “ditames da humanidade”.

Os indígenas foram, portanto, submetidos a um sistema educativo para posteriormente serem considerados “civilizados”, aqueles que aos olhos do português mais se adequava à sociedade civilizada eram chamados por “assimilados”. Para tanto, o reconhecimento dos africanos, em seu lugar de origem, era conquistado a partir do abandono de suas próprias culturas à medida que adquiriam a cultura portuguesa, e somente assim, teoricamente, teriam pleno acesso à cidadania. Todavia, o título de “assimilados” poderia demorar gerações ou até mesmo séculos para serem entregues.

Em Moçambique, país de Mia Couto e de seus personagens, as relações de hierarquia se davam da mesma forma. O país teve seus primeiros encontros com os portugueses entre os anos de 1497 e 1499 em uma expedição de Vasco da Gama, dando início as relações entre os europeus e os moçambicanos, que culminou em uma colonização de aproximadamente cinco séculos. A consideração de povos não civilizados no continente africano é de extrema superficialidade, pois de acordo com Leila Hernandez:

Em síntese, é possível considerar que Moçambique condensava a heterogeneidade própria das Áfricas, no geral. Apresentava povos falando línguas diferentes, com tradições religiosas e noções de propriedade distintas, valores diversos e vários modos de hierarquização de suas sociedades, articulando-se e rearticulando-se de acordo com seus próprios interesses, resultando em organizações políticas várias, que ora se uniam, ora entravam em disputa, definindo o ascenso ou declínio de grandes “impérios” (como o de Monomotapa e do Marave, no atual Maláui), de “reinos” (como o de Gaza) e de “Estados” (como o do Zimbábue no século XIX). (HERNANDEZ, 2008, p. 590)

Tal heterogeneidade moçambicana foi de encontro ao sistema de organização social imposto pelos colonizadores, que favoreceu a deterioração da toda a estrutura social pré-estabelecida. A dizimação da identidade cultural desse povo aconteceu por uma série de fatores impostos pelos portugueses: o tráfico negreiro, que diminuiu significativamente a população local, as formas compulsórias de trabalho, discriminação, conflitos internos, secas, entre outros elementos que geravam grande degradação sofrimento aos verdadeiros donos da terra.

Desse modo, se tornou evidente em Moçambique a presença de “assimilados” que negavam suas origens embranquecendo a sua cultura como uma forma de sobreviver naquele sistema, para garantir a educação de seus filhos. Paralelo a isso surgiam no anonimato os

movimentos de resistência, percebidos nas frequentes fugas dos negros para regiões pouco acessíveis formando verdadeiros campos de refugiados. Os sentimentos de identidade cultural eram repassados por gerações através da oralidade, segundo Leila Hernandez, “Não poucas vezes, a insatisfação era manifestada por símbolos culturais como cantigas de trabalho e provérbios que desafiavam os mecanismos próprios do sistema colonial” (HERNANDES, 2008, p. 596).

É importante ressaltar que nos países africanos, colonizados de libertação tardia, o discurso em prol dessa conquista se iniciou através dos textos jornalísticos. Assim, o desenvolvimento da literatura e da organização da escrita por meio de crônicas jornalísticas que se propunham a tratar de temáticas de conscientização-social com fortes traços do estilo literário. Em Moçambique, o jornal foi o primeiro veículo de mostrar sua contestação diante da barbárie colonização de forma a reivindicar a autonomia de seus espaços.

Aos poucos a população foi se organizando em prol de sua independência. Em 1962 foi fundado o grupo de maior importância para esse movimento, a Frelimo (Frente de Libertação Moçambicana), que alcançou a libertação de seu país do jugo colonial em 1975. Todavia, as tensões sociais começavam acontecer agora no âmbito interno, pois a Frelimo não conseguia representar plenamente toda diversidade moçambicana.

O grupo da oposição constituiu a Renamo (Resistência Nacional Moçambicana) em sensibilização aos descontentamentos com o governo apresentados pela população. Apesar disso, a Renamo não possuía nenhum projeto alternativo ao do Estado liderado pela Frelimo, Esse fato provocou a guerra civil que cresceu e se expandiu desde 1984. A assinatura do Acordo de Paz se realizou em Roma no ano de 1992 e conteve uma guerra de 16 anos para ir à busca da “reconciliação nacional pela base”.

Moçambique é, portanto, um país em formação. Foi nesse contexto que nasceu Mia Couto (1955). O autor, descendente de família portuguesa, cresceu em um meio, no qual a diversidade cultural era muito perceptível. Mas, isso só veio a ser enxergado por ele porque desde criança o caráter revolucionário de seus pais, aguçava em sua essência uma maior sensibilidade, a valorização humana.

Mia trabalhou para a Frelimo como jornalista da Tribuna. Essa profissão jornalismo proporcionou a Couto o acúmulo de informações ligadas ao seu espaço, que mais tarde modelariam suas personagens, dando vida aos ambientes, como também, coerência as suas produções literárias. É isso, que segundo Foucault, constitui a função do autor na construção do discurso literário, afirmando que

“O autor não entendido, é claro, como indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência.” (FOUCAULT, 2008, p. 26).

Em muitas de suas obras, Mia Couto recria a língua portuguesa a partir das influências moçambicanas, como forma de resgatar a oralidade de seu povo, mantendo a tradição com o viés

da modernidade. A partir de então Couto consegue colocar em seus textos o modo hierarquizado das relações sociais no país bem o olhar dos negros sobre tal contexto. Assim, além de representar a o mundo mítico deste povo, sua obra abre espaço para função literária de elemento de denúncia, colocando no texto o mundo real.

Coexistem, portanto, no conto em análise o mundo do plano fictício e o do real sem promover nenhuma estranheza dos personagens ou ao leitor. A elaboração da estética linguística de Mia Couto encanta com presença entrelaçada das esferas do real e irreal/místico.

3 METODOLOGIA

Diante disso, pela natureza dos dados que analisa, segue o método dedutivo e documental. Quanto ao método de abordagem dos dados, trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, visando à interpretação dos sentidos que emergem do texto e de como eles são construídos na relação autor-texto-leitor.

Já as categorias de análise referem-se aos fatores socioculturais apontados por Candido (2010) como determinantes da relação entre literatura e sociedade presentes nos elementos dos contos, como personagens, tempo, espaço e enredo. A pesquisa tem ainda como respaldos teóricos os conceitos de conto (GOTLIB, 1987), informações sobre o contexto sócio-histórico (HERNANDES, 2008) e literário que permeiam a produção de Mia Couto.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O conto *O embondeiro que sonhava pássaros* narra a história de negro que vendia todas as manhãs pássaros enquanto tocava sua gaita-de-boca em bairros destinados aos brancos. Isso criou um clima de hostilidade e desconfiança contra o negro, pois ele desordena o cotidiano daquele lugar.

O anonimato do vendedor, e logo de toda uma classe, é comprovado quando ele é chamado apenas por passarinho, demonstrando a relações coloniais em Moçambique. Paralelo a isso há uma resistência cultural e a necessidade de libertação à dominação europeia, notadamente representada já na epígrafe do livro:

Inquirido sobre a sua raça, respondeu:

- A minha raça sou eu, João Passarinheiro. Convidado a explicar-se, acrescentou:

- Minha raça sou eu mesmo. A pessoa é uma humanidade individual. Cada homem é uma raça, senhor polícia.

(Extracto das declarações do vendedor de pássaros.)

(COUTO, 1994, p. 4)

A desconfiança dos adultos contra o negro era evidente, todavia, a beleza dos pássaros chamava a atenção das crianças que logo exigiam aos pais colonizadores a compra. Isso representava um risco à quebra das regras “naturais” que permitiam historicamente a devida organização das relações sociais entre brancos e negros.

Ao final do texto o passarinho é preso e torturado pelos senhores coloniais, contudo uma das crianças, o menino Tiago, que se tornou amigo do velho, tenta ajuda-lo e acaba sendo queimado por engano dentro da árvore em que morava o vendedor, o embondeiro.

Essa árvore está presente por toda a África e recebe muitos nomes como baobá, imbodeiro e embondeiro, e está atrelada a muitas crenças e mitos da população. Heloisa Pires, ao analisá-la em suas diferentes faces, revela que:

Em grande parte da África, especialmente na região da Costa do Marfim, diz-se que é a partir do baobá que a vida pode ser recriada: ele dá água, comida, moradia, remédios. Mas, principalmente, ele é o elo entre a terra e o Criador. Mas também do Criador com o nosso mundo. E, como diz Georges Gneka, é o baobá que continua conversando com o Criador, sempre pedindo mudanças para a vida na terra, principalmente a africana. E o criador continua mostrando a ele sua perfeição como criação. Através de seus braços voltados para o além, é ele que não deve deixar o Criador dormir! (LIMA; GNEKA; LEMOS, 2005, p. 42)

Diante disso, pode-se perceber que o embondeiro está intrinsecamente ligado à constituição da paisagem africana perpassando para o imaginário de seu povo. Essa árvore é tida como poderosa e muito venerada por sua população, pois além de tudo nela ser aproveitado ela está veiculada aos mitos, sendo ela um lugar de moradia, encontro, reflexão, orações, rodas de conversa, brincadeiras, entre outras ações. É pelo embondeiro que passa toda a dinâmica social. Até hoje a árvore é lugar para se pedir conselhos.

Em Moçambique contam que onde existe um embondeiro existem também leões, pois ambos gostam de savanas. Dizem ainda que a pessoa perseguida pela fera, se salvará ao subir na árvore, tendo em vista que o leão ao tentar subir é fígado pela árvore, permanecendo preso até morrer. O baobá seria, portanto, um ponto de proteção para os africanos. Isso é mostrado quando Tiago avisa o velho sobre a chegada dos colonos e ele o sossega mostrando a árvore “E lembrou a lenda. Aquela flor era moradia dos espíritos. Quem que fizesse mal ao embondeiro seria perseguido até o fim da vida” (Couto, 1994, p. 47).

Assim a resistência e a grandeza dessa árvore representa o povo africano que apesar de toda desapropriação territorial, cultural e socioeconômica sofrida nas mãos dos colonizadores, ainda sobrevivem. No conto o preto velho que vendia passarinhos é, no sentido mais amplo, toda essa população. Os leões, por sua vez, são os homens de poder que tentam atacar e perseguir os nativos, e apesar de seu esforço, o embondeiro é infinitamente mais forte e capaz de permanecer no mesmo lugar com sua essência preservada, mesmo depois desses obstáculos.

As práticas de violência simbólica, bem representada pela discriminação sofrida pelo passarinho, a inferioridade de sua raça mostrada na ausência de seu nome, a proibição de entrar em determinados territórios estabelecidos exclusivamente para os brancos, demonstrando as fronteiras delimitadas para os negros dentro de suas próprias terras, o não direito de acesso aos recursos, à exclusão social é mostrada na rudimentariedade do vendedor, na proibição de expressar sua cultura.

A violência física praticada contra os africanos durante séculos é demonstrada no conto por meio da prisão do vendedor pelo simples fato de ameaçar a organização de classes e raças ao vender seus pássaros em bairro da elite portuguesa, na agressão física sofrida por ele, que por ferirem sua boca o impede de transmitir sua musicalidade, na tentativa de matá-lo quando desaparece misteriosamente da cadeia.

5 CONCLUSÃO

Refletir sobre os textos de Couto permitem perceber a presença dos discursos do racismo, da exclusão social, das relações de gêneros, da repressão contra os mais fracos, entre outros que configuram as práticas de violências simbólicas e físicas tão enraizadas na população moçambicana. Isso leva ao questionamento realizado por Foucault ao iniciar em aula a discussão sobre a ordem do discurso: “Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal está o perigo?” (Foucault, 1970, p. 8)

Tal pergunta pode ser respondida baseada na ideia defendida por Eni Orlandi (2011) ao dissertar sobre a análise do discurso, afirma que para toda fala existe uma memória discursiva que contribui para a formação desta, de modo que toda ideia é constituída por ideias preexistentes àquela. Desse modo, ao proibirem as crianças de comprar pássaros ao ancião negro, por exemplo, os homens brancos estavam disseminando e reafirmando os preceitos de discriminação, marginalização, exclusão social, entre outras práticas que constituem a violência simbólica e física historicamente firmadas contra os negros.

Diante das leituras realizadas, pode-se concluir que forma como Mia Couto produz seus textos, colocando na escrita a oralidade do povo moçambicano e desse modo reafirmando seus valores culturais, é evidente que ele defende a necessidade de mudanças sociais, e o levantamento de novas vozes que se façam ouvir na perspectiva de um futuro melhor em conjunto ao respeito à memória e a tradição de seu povo. E somente assim, fazer de suas obras literárias não somente instrumentos que contribuem para o estudo da história, mas também para a modificação desta.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, A. A literatura e a vida social. In: _____ **Literatura e Sociedade**: estudos de teoria e história. 11 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010. T. 27 – 50.

COUTO, Mia. **Cada Homem é uma raça**. 3. Ed. Editorial Caminho, SA, Lisboa – 1990.

- CORTÁZAR, J. **Valise de Conópio**. Trad. Davi Araguai Jr. E João Alexandre Barbosa. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 17. ed. São Paulo: Loyola, 2008.
- JOLLES, André. **Formas Simples**. São Paulo: Cultrix, 19976.
- GANCHO, Cândida. **Como analisar narrativas**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- GOTLIB, N. B. **Teoria do conto**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987. (Princípios).
- HERNANDES, Leila. **A África na sala de aula: visita a história contemporânea**. 2. ed. São Paulo: Selo Negro, 2008.
- LIMA, Heloisa; GNEKA, Georges; LEMOS, Mário. **A semente que veio da África**. 2. ed. São Paulo: Salamandra, 2005.
- MIRANDA, M. G. de. Literaturas Angolana e Moçambicana: espelho da resistência e da disposição de construir um novo tempo. **Revista Augustus**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 27, fev. 2009. Disponível em: <http://www.unisuam.edu.br/augustus/pdf/rev_augustus_ed%2027_05.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2012. _____. Representações da cultura moçambicana: uma leitura de *Cada homem é uma raça*, de Mia Couto. In: XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA, 11., 2008, São Paulo. **Anais do XI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada**. São Paulo: USP, 2008. v. 1. p. 1-6. Disponível em:
- ORLANDI, Eni. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- PASSOS, Izabel C. Freiche (Org.). **Poder, normalização e violência: incursões foucaultianas para a atualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.